

CANDOMBLÉ: MEMÓRIA, ORALIDADE E ETNICIDADE, ENRAIZADAS NO ARVORECER DE UMA CULTURA FERTILIZADA PELA AMALGAMA DE POVOS AFRICANOS.

Leonardo Lazaro Faislon¹ – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.
leofaislon@hotmail.com

Cristiane Santos Souza* – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.
criskasouza@unilab.edu.br

VISÃO GERAL

Verso este trabalho impulsionado pela confluência da minha etnicidade – meu lugar de origem, desde sempre enquanto sujeito “orgânico” do Candomblé, assentado no seio de um terreiro – em consonância com a minha condição de discente (graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), onde tenho a oportunidade de conviver em proximidade cotidianamente junto a docentes e discentes naturais de países africanos de língua oficial portuguesa; bem como, minha inserção aguda em estudos e pesquisas que almejam *negritar* as congruências entre o Brasil e o Continente Africano, com inevitável ênfase nas referências que dissertam em *prol* da “Decolonialidade”, por estas apontarem para um caminho onde a ancestralidade possui grande relevo, permitindo que os povos subalternizados se (re)conheçam e (re)escrevam suas próprias histórias apoiados nas marcas de sua “interculturalidade crítica”, com o objetivo de transcender as amarras ideológicas da cultura ocidental hegemônica, e, em especial, a contar do momento da minha vinculação ao projeto de iniciação científica PIBIC/CNPq/UNILAB-2015/2016 – “Volta ao mundo em imagens. Bimbau e Pierre Verger, trajetórias que se cruzam, identidades que se forjam?” –, quando fui seduzido pelos fundamentos do conjunto teórico metodológico que se debruça em torno dos conceitos e aplicabilidade da memória e da oralidade, para estruturação e composição de narrativas históricas e culturais ancoradas nas experiências e trajetórias de vida dos sujeitos, enquanto aportes legítimos e eficientes, para ideação e constituição do conhecimento científico. Tamanha inclinação e afinidade se justificam, acima de tudo, pelo fato da interculturalidade ser intrínseca ao arcabouço cultural do Candomblé e pela memória e a oralidade serem elementos e essência constituinte da base de reprodução do conhecimento no Candomblé. Desse modo, evocam em profusão, já conhecidas analogias entre as vivências no Candomblé e ao modo de vida de algumas sociedades do continente africano. Entretanto, repousado nesse cenário e envolto por essas conjunturas, sou conduzindo para a compreensão de que os princípios estruturantes de nossa cultura (tanto no Candomblé quanto nas sociedades africanas), sobre os quais me dedico certificar neste trabalho, ultrapassam a dimensão da expressividade, do visível alcançando uma esfera cognitiva, metafísica onde os fundamentos filosóficos e cosmológicos configuram um patrimônio imaterial partilhado pela herança legada por nossa ancestralidade, que se perpetua em virtude da memória coletiva por intermédio da oralidade. Portanto, sinto-me motivado a coligar e fomentar a práxis dialética entre o conhecimento frutificado e imane de determinadas experiências empíricas, com parte do aparato científico elaborado e alicerçado com bases no conhecimento teórico.

OBJETIVOS

Obstina-se com este trabalho apresentar algumas reflexões pelas quais se busca evidenciar ascendências entre o Candomblé e a cultura que tange a vida cotidiana da etnia Manjaco de Guiné-Bissau e Muchangana de Moçambique, desejando elucidar a complexidade do sistema cultural operante no Candomblé, e desta forma, advogar para que o Candomblé seja concebido por outro ângulo que não somente o da lógica restrita de crença religiosa e, portanto, reivindicar seu reconhecimento social ao *status* de comunidade étnica, que, por conseguinte é detentora de diversificadas crenças religiosas, visto que seu cânone cultural é (co)existente na vivência dos seus sujeitos étnicos, quer dizer, são notados em sua espontaneidade, nos seus costumes, na maneira de se relacionar com o mundo e na forma de ver no mundo. De forma mais ampla, pretende-se junto ao pleito da antropologia e da etnologia, que visa realçar e interpretar o elo cultural entre o continente africano e a nação brasileira, corroborar para/com: os estudos “decoloniais” na superação da “colonialidade”, visando problematizar os avanços sobrepujantes da lógica desenvolvimentista do capitalismo moderno que se estruturam em detrimento dos valores e princípios culturais ancestrais e com isto, contribuir com a luta antirracismo, com o combate à intolerância religiosa e para a institucionalidade e aplicabilidade de políticas afirmativas, buscando o despertar identitário dos representantes de grupos inferiorizados, marginalizados e racializados, para que desfrutemos da oportunidade de refletir sobre a dissociação de nossa ancestralidade, a obliteração de nossa história, o controle sobre nossas epistemologias e a desintegração de nossa territorialidade, isto é, sobre nossa decomposição ontológica, e para que ousemos cada vez mais protagonizar a produção do conhecimento científico sobre nosso lugar de origem; o apontamento de perspectivas que assegurem outras interpretações e apreensões a respeito do Candomblé; o perpetrar etnográfico; a concepção da memória, oralidade e trajetória de vida em termos metodológicos; o fomento da interdisciplinaridade no universo da antropologia e somar junto a UNILAB na sua missão de integração internacional e cooperação entre os povos do eixo sul-sul.

METODOLOGIA

A luz do pensamento complexo anseia-se investigar laivos de informações, deixados de forma exuberante pelas subjetividades contidas nas experiências e trajetórias de vida dos sujeitos em sociedade, tal como, nas diversidades dos processos sociais. Com isso, busca-se desvelar os múltiplos aspectos e conjunturas que constituem uma determinada realidade e sua especificidade, tecidas pela memória. Nesse sentido, as metodologias que se pretende articular para realizar este trabalho, tem seguido os parâmetros de uma pesquisa etnográfica e qualitativa. Para tanto, planeja-se propiciar um ambiente no qual seja possível e favorável eclodir uma experiência empírica, convidando os participantes da pesquisa – autóctones das etnias Manjaco e Muchangana – a vivenciarem a rotina do terreiro de Candomblé *Ilê da Oxum Apará* por um determinado período. Seguidamente, serão aplicados alguns métodos para coleta de dados, com o designo de apurar e mensurar os resultados desta experiência. Sendo assim, são adotados como recursos aptos a coleta de dados, a pesquisa de campo; a observação sistemática e estruturada; entrevistas não estruturadas; grupo focal e análise de narrativas de histórias de vida. Conjuntamente, é aplicado o método de análise de conteúdo e revisão do material bibliográfico, a fim de uma exploração exitosa do referencial teórico, com a intensão de fundamentar as hipóteses levantadas no decorrer da pesquisa.

CONCLUSÕES

A despeito do trabalho se encontrar em fase inicial, pôde-se notar já neste primeiro momento de análise das referências bibliográficas e, acima de tudo, do diálogo preliminar com as personalidades Manjaco e Muchangana, que prontamente se propuseram a contribuir com a pesquisa que, embora o lastro cultural do Candomblé tenha majoritariamente sua essência vinculada aos povos Nagô e Yorubá – que dentre outros são oriundos do território africano onde os limítrofes geopolíticos atuais os definem como, os Estados-Nações de Angola e Congo (Nagô) e Benin e Nigéria (Yorubá), foi possível constatar uma proeminente inter-relação entre o âmago do Candomblé com os conceitos e convicções que os participantes internacionais carregam com si, verificado acima de tudo, a partir da percepção de alguns princípios fundantes que regem sobre suas vidas como, por exemplo: a hierarquia familiar e comunitária que impera sempre pela reverência ao ancião (a) ou ao mais antigo (a), cabendo a estes (as) a missão de preservar a memória e a sabedoria permitindo a continuidade dos ensinamentos transmitidos pela oralidade; a relevância do “matriarcado”; a presença marcante e a representatividade da circularidade e da coletividade; a crença nos seres existentes no universo imaterial, e na intervenção destes seres em nossas vidas; a noção de territorialidade, que pode ser entendida pela relação de interdependência entre o ser e o meio ambiente, tal como, com os seres intangíveis que igualmente habitam este meio; as “curas tradicionais”, que ultrapassam os limites compreendidos pela ciência da saúde convencional, não somente no que se refere às enfermidades de natureza física, mas, também sobre as complicações existentes no âmbito da saúde mental que, inclusive, podem afetar o corpo material; o corpo humano e sua interação com o *cosmo* físico e o metafísico, pois, o corpo é entendido como um “templo” individual ou a individualidade do ser que dialoga e troca energias com os seres do mundo não visível, assim como, é um espaço de simbologias e construções de narrativas. Ademais, os relatos apurados nesta primeira fase da pesquisa, aclamam por um equilíbrio salutar entre os conceitos dicotômicos de “tradição” e “modernidade”, outrossim, denunciam à continuidade escusa da dominação ocidental que promovem a supressão paulatina da nossa memória, nossos cultos e nossa língua materna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- ACHEBE, Chinua. O mundo se despedaça. São Paulo: Ática, 1983.
BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In: Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, p. 89-117.
BARDIM, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa, Ed. Edições 70, LDA, 2010.
FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janáina. Usos & Abusos da História Oral. Fundação Getúlio Vargas 8ª Edição. Rio de Janeiro, 2006.
FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). BRASIL Afro-Brasileiro. Autêntica, 2002.
JUNIOR, Marclio Barbosa Mendonça de Souza, MELO, Marcelo Soares Tavares de, SANTIAGO, Maria Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. In: Movimento. Porto Alegre, v.16, n. 03, Julho/Setembro de 2010. Artigos Originais, p.31-49.
KOFES, Suelly, MANICA, Daniela (org.). Vidas e Grafias: Narrativas Antropológicas entre Biografia e Etnografia. Rio de Janeiro. Lamparina, 2015.
KOFES, Suelly (org.). Histórias de Vida, Bibliografias e Trajetórias. Campinas. Cadernos do IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP. Nº 31-2004. 2004.
LIMA, Vivaldo da Costa. Lessé Orixá – Nos Pés do Santo. Salvador, 2010 v.1.
LUHNING, Ângela. Pierre Fatumbi Verger e sua obra. In: Afro Ásia, 21-22(1998-1999), 315. 364.
PIMENTA, Ananda Carvalho. Resenha: introdução ao pensamento complexo de Edgar Morin. In: Revista Científica da FHO/UNIRARAS v.1 n. 2/2013.
PIVIN, Jean Loup, LÉON Pascal Martin Saint. Pierre Verger: o mensageiro - fotografias 1932-1962. Salvador. Fundação Pierre Verger, 2002.
RABELO, Miriam C.M. Enredo, feitura e modo de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé. Salvador: EDUEFA, 2014.
SIMÃO, Selma Machado. Um Experimento em Arte-Educação, Fotografia e Oralidade. In: Resgate - vol. XX Nº 24 - jul./dez. 2012. Combates e Rituais-p. 74-83.
SINSOM, Olga de Moraes Von. Experiência com Histórias de Vida (Itália – Brasil). São Paulo. Vértice - Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais. 1998.
TACCA, Fernando de. Fotografia e Memória. In: Resgate - Vol. XVIII Nº. 19 - jan./jul. 2010. Apresentação - p.09-10.
TAVARES, Júlio Cesar de; GARCIA, Januário. Diásporas Africanas na América do Sul: uma ponte sobre o atlântico. Fundação Alexandre Gusmão. Rio de Janeiro, 2008.
URIARTE Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe* [Online], 2014. URL: <http://ponto.urbe.revues.org/300>. DOI: 10.4000/ponto.urbe.300.
VICENTINO, Paulo Fagundes. Os países africanos: diversidades de um continente. Porto Alegre. Leitura XXI/CEBRAFRICA/UFRGS, 2012.
WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: *in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, Vera Maria (org). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro. 7 Letras, 2009.

¹ *Asôgun do Ilê da Oxum Apará*, Itaguaí – RJ; discente do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras – IHL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Campus dos Malês, em São Francisco do Conde – BA; membro do grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão “Nyemba – Processos Sociais, memórias e narrativas entre Brasil e África”; bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa PIBIC/CNPq/UNILAB-2015/2016: “Volta ao mundo em imagens: Bimbau e Pierre Verger, trajetórias que se cruzam, identidades que se forjam?”; . *Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Campinas – UNICAMP; fundadora e coordenadora do grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão “Nyemba – Processos Sociais, memórias e narrativas entre Brasil e África”; idealizadora e coordenadora do projeto de pesquisa PIBIC/CNPq/UNILAB-2015/2016: “Volta ao mundo em imagens: Bimbau e Pierre Verger, trajetórias que se cruzam, identidades que se forjam?”; idealizadora e coordenadora do projeto de extensão PIBEAC – 2015/2016 “Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos”; Professora Adjunta A na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.